

Marcadores de pessoa, acessibilidade cognitiva e coesão textual

Person markers, cognitive accessibility and cohesion

Eduardo Penhavel*

**Universidade Federal de Viçosa*

Resumo: O presente trabalho apresenta uma breve análise tipológica das funções coesivas das formas de pessoa, a partir da análise que Siewierska (2004) faz do papel dessas formas no processo de marcação de acessibilidade cognitiva. Ou seja, trata-se de identificar as funções coesivas das formas de pessoa em diferentes línguas, partindo das ocorrências que a autora analisa em termos da marcação de acessibilidade cognitiva. Nesse sentido, o trabalho procura mostrar que duas funções principais podem ser distinguidas: (i) o uso remissivo das formas de pessoa, constituindo cadeias referencias e propiciando coesão referencial ao discurso; (ii) o uso contrastivo entre diferentes formas de pessoa e entre essas e outras formas referenciais, propiciando a marcação de diferentes unidades textuais e, assim, a coesão sequencial do discurso.

Palavras-chave: Marcadores de pessoa. Acessibilidade cognitiva. Coesão textual.

Abstract: This paper presents a brief typological analysis of the cohesive functions of person markers, based on the analysis provided by Siewierska (2004) on the role of these forms in the process of cognitive accessibility marking. In other words, this paper tries to identify the cohesive functions presented by person forms in different languages, taking into account examples analyzed by that author in terms of cognitive accessibility marking. To this respect, it is demonstrated that two main functions can be distinguished: first, the anaphoric use of person forms to build up referential chains and provide referential cohesion; secondly, the contrastive use of person forms and other referential forms to differentiate text units and create sequential cohesion.

Keywords: Person markers. Cognitive accessibility. Cohesion.

Considerações iniciais

Siewierska (2004) procede a um estudo tipológico exaustivo da categoria de pessoa, analisando, dentre outras questões, a *função das formas de pessoa*. A autora salienta que tal análise pode ser realizada sob diversas perspectivas teóricas, dentre as quais seleciona, para seu trabalho, a chamada análise discursivo-cognitiva (*cognitive discourse analysis*). De acordo com essa abordagem, a função primária (embora não única) das formas de pessoa é a *marcação de acessibilidade cognitiva alta* de um referente discursivo. Tal perspectiva se volta, especificamente, para a análise da correlação entre a codificação morfossintática das formas de pessoa e o grau de acessibilidade cognitiva dos referentes discursivos a que essas formas remetem.

A identificação dessa função dos marcadores de pessoa, por outro lado, evidencia uma outra função dessas formas, estreitamente relacionada à marcação de acessibilidade: a função de *coesão textual*, em especial, de coesão referencial, isto é, a criação de cadeias referenciais que remetem a um referente anteriormente introduzido no discurso.

Pode-se considerar que a marcação de acessibilidade e o estabelecimento da coesão textual constituem funções complementares. A progressão textual, segundo postula Koch (1989, 2002, 2004), envolve, dentre outros mecanismos, a construção de segmentos textuais centrados em torno de um determinado tema, ou assunto. Esses segmentos textuais podem ser, genericamente, chamados de “tópicos discursivos”. A construção de um tópico discursivo compreende (além de outras formas de organização) a introdução de um referente, no início do segmento tópico, que vai sendo retomado por diferentes expressões ao longo do segmento (dentre as quais, marcadores de pessoa), o que cria uma *cadeia referencial*, a qual contribui para estabelecer a unidade e a continuidade temática do segmento tópico. Portanto, a introdução de uma forma de pessoa (quando remissiva a um referente anteriormente mencionado) e de demais expressões referenciais é usada a serviço da tarefa do falante de dar progressão ao texto; e a partir disso (ou paralelamente a isso) a escolha entre uma das formas de pessoa ou uma outra expressão referencial qualquer (um grupo nominal definido por exemplo) é que dependerá, dentre outros fatores, do grau de acessibilidade cognitiva do referente discursivo em questão.

Considerando tal relação entre marcação de acessibilidade cognitiva e coesão referencial, o objetivo do presente trabalho é esboçar uma breve análise tipológica das diferentes funções coesivas das formas de pessoa, a partir da análise que Siewierska (2004) faz do papel dessas formas no processo de marcação de acessibilidade cognitiva. Ou seja, trata-se de identificar as funções coesivas das formas de pessoa em diferentes línguas, partindo das ocorrências que a autora analisa em termos da marcação de acessibilidade cognitiva.

Trata-se de uma análise que parece encontrar justificativa e relevância principalmente pela escassez de trabalhos de natureza *tipológica* sobre *fenômenos textuais* (como a coesão). Além disso, a análise explícita, e permite refletir sobre, a

proximidade entre a abordagem da análise discursivo-cognitiva, adotada por Siewierska (2004) em estudo de orientação essencialmente gramatical, e a perspectiva sociocognitivista, amplamente desenvolvida no interior da Linguística Textual atualmente.

O presente trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: a seção 1 apresenta (i) uma síntese da perspectiva da análise discursivo-cognitiva e do modo como aborda a acessibilidade de referentes discursivos e (ii) um esboço da noção de coesão textual e da concepção sociocognitivista desenvolvidas no âmbito da Linguística Textual; a seção 2 constitui a análise da função coesiva das formas de pessoa analisadas por Siewierska (*op. cit.*) em termos de marcação de acessibilidade; e a seção 3 reúne algumas considerações finais.

1 Acessibilidade cognitiva e coesão textual

1.1 Acessibilidade do referente e a abordagem discursivo-cognitiva

Conforme explica Siewierska (2004, p. 174), de acordo com a abordagem da análise discursivo-cognitiva, os marcadores de pessoa constituem “procedimentos de gerenciamento de modelos discursivos”, usados pelos falantes e ouvintes para ajustar ou manter o nível de acessibilidade dos referentes nos modelos mentais acionados no discurso. A referência, nessa abordagem, é concebida não como uma relação entre uma expressão linguística e um elemento do contexto de fala (referência dêitica) ou do contexto discursivo (referência anafórica), mas como uma relação entre uma expressão linguística e a representação mental do referente evocada por essa expressão na mente do ouvinte (como veremos, trata-se, pois, de uma concepção que, num certo sentido, aproxima-se da perspectiva sociocognitivista praticada atualmente em Linguística Textual).

A codificação morfossintática da expressão de um dado referente deve indicar ao ouvinte em que lugar, no seu modelo de discurso, provavelmente se encontra a representação mental do referente em questão: uma codificação mínima indica que o referente pode ser facilmente acessado no modelo mental em uso, no momento, por falante e ouvinte; já uma codificação mais elaborada indica que o ouvinte deve ir mais fundo em seu modelo de discurso para localizar o referente em questão, ou mesmo deve construir uma representação mental desse referente em seu modelo de discurso. Assim, como observa Siewierska (2004), dado o conteúdo semântico mínimo e a forma fonológica atenuada, a função primária dos marcadores de pessoa é indicar nível alto de acessibilidade cognitiva de um referente discursivo.

Nesse contexto, segundo Ariel (1990 apud SIEWIERSKA, 2004), a acessibilidade de um referente depende de dois fatores: saliência da entidade e unidade. A saliência da entidade envolve a saliência inerente (o conhecimento de mundo dos interlocutores) e a saliência discursiva (que envolve principalmente a frequência e a proximidade temporal com que o referente foi mencionado e o cálculo da competição com outros referentes também já mencionados). Ariel apresenta os

principais fatores determinando a saliência de entidade em uma série de hierarquias, dentre as quais, as seguintes: (i) falante > ouvinte > não-participante (terceira pessoa); (ii) tópico > não-tópico; (iii) sujeito gramatical > não-sujeito; (iv) referência repetida > algumas referências anteriores > primeira menção. O segundo fator de acessibilidade, a unidade, envolve a distância e o nível de coesão entre as unidades contendo as expressões referenciais do referente discursivo em questão. A distância implica analisar se os referentes estão encaixados na mesma oração, sentença, parágrafo ou numa unidade maior; o nível de coesão se refere à coesão global do discurso, em particular à continuidade temporal, espacial ou acional entre as sentenças em que os referentes estão encaixados (SIEWIERSKA, p. 175).

A relação entre a acessibilidade cognitiva e a codificação morfossintática dos referentes discursivos é vista de forma um pouco diferente por diferentes autores que trabalham com a abordagem discursivo-cognitiva. Ariel (1996, p. 21) concebe uma relação biunívoca entre acessibilidade cognitiva e codificação morfossintática. A autora postula tal relação na hierarquia transcrita abaixo, em que o grau de acessibilidade decresce da esquerda para a direita.

(1) Escala de marcação de acessibilidade

zero < reflexivos < marcadores de concordância < pronomes clíticos < pronomes átonos < pronomes tônicos < pronomes tônicos + gesto < demonstrativos proximais (+SN) < demonstrativos distais (+SN) < demonstrativos proximais (+SN) + modificador demonstrativos distais (+SN) + modificador < primeiro nome < último nome < descrição definida curta < descrição definida longa < nome completo < nome completo + modificador.

Por outro lado, Gundel *et al.* (1993, 2000 apud SIEWIERSKA, 2004) não veem a relação entre acessibilidade e codificação morfossintática como uma relação biunívoca. Gundel (1996, p. 144) analisa os níveis de acessibilidade de acordo com seis estatutos cognitivos implicacionalmente relacionados na hierarquia de dadidade abaixo.

(2) Hierarquia de dadidade

			unicamente		tipo
em foco	ativado	familiar	identificável	referencial	identificável
{ <i>ele</i> }	<i>esse</i>	{ <i>aquele</i> N}	{ <i>o</i> N}	{ <i>esse</i> N indefinido}	{ <i>um</i> N}
	{ <i>esse</i> N}				

Os estatutos cognitivos na hierarquia transcrita em (2) são postulados por Gundel *et al.* (1993, 2000 apud SIEWIERSKA, 2004) como implicacionalmente relacionados, de modo que cada um da esquerda inclui todos os outros estatutos menores, mas não vice-versa. Desse modo, as formas de codificação morfossintática

associadas aos níveis menores de acessibilidade são acessíveis para a codificação de níveis de acessibilidade mais alta. Ou seja, diferentemente do que prevê Ariel (1996), Gundel *et al.* admitem que um dado nível de acessibilidade pode ser codificado por marcadores associados a esse próprio nível de acessibilidade, bem como por todas as formas de codificação à sua direita na escala de marcação de acessibilidade.

Siewierska (2004) salienta que, na concepção de Gundel *et al.* (1993, 2000 apud SIEWIERSKA, 2004), em que não se verifica uma relação biunívoca entre nível de acessibilidade e codificação morfossintática, a associação entre um nível de acessibilidade e uma determinada forma de codificação se deve a princípios pragmáticos gerais que regem o processamento da linguagem, em particular às duas Máximas de Quantidade de Grice. Além disso, destaca a autora, tal concepção, ao contrário da de Ariel (1996), admite que outros fatores, além da acessibilidade, também atuam na determinação da codificação dos referentes discursivos.

1.2 A coesão textual e a abordagem sociocognitiva em Linguística Textual

O fenômeno da coesão textual é normalmente descrito, de acordo com Koch (2004), como a forma pela qual os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar uma tessitura, uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamente. Partindo de Halliday e Hasan (1976), a maioria dos pesquisadores passou a classificar os recursos coesivos em dois grandes grupos, responsáveis pelos dois grandes movimentos de construção do texto: a *coesão referencial*, isto é, a remissão/referência a elementos anteriores (ou posteriores), e a *coesão sequencial*, realizada de forma a gerir a progressão textual.

A coesão sequencial, nos termos de Koch (2004), refere-se aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diferentes tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir. Já a coesão referencial (ou “progressão referencial”) diz respeito principalmente à remissão a um referente discursivo anterior por meio de diferentes formas linguísticas, que criam cadeias referencias, responsáveis pela (re)categorização dos referentes.

Koch (1989, 2002, 2004) procede a um levantamento das principais formas remissivas em português, classificando-as, em termos gerais, em *formas remissivas não-referenciais* (*presas e livres*) e *formas remissivas referenciais*. As primeiras não fornecem ao leitor/ouvinte quaisquer instruções de sentido, mas apenas instruções de conexão (concordância, por exemplo); já as segundas, além de fornecerem, em grande número de casos, instruções de concordância, contêm também instruções de sentido, ou seja, fazem referência a algo no mundo extralinguístico.

As *formas remissivas não-referenciais presas*, aquelas que acompanham um nome dentro de um grupo nominal, compreendem, basicamente, os artigos, os pronomes adjetivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos) e numerais, quando acompanhados de substantivos. As *formas não-referenciais livres* incluem, principalmente, os *pronomes pessoais de terceira pessoa* (de interesse particular para o presente trabalho) e os pronomes substantivos em geral (demonstrativos, possessivos etc.), bem como advérbios pronominais, expressões adverbiais e formas verbais remissivas. Por fim, as *formas remissivas referenciais* incluem, basicamente, *expressões nominais definidas* e *expressões nominais indefinidas*.

Koch (2004) desenvolve o estudo das estratégias de coesão sob uma perspectiva sociocognitivista. No âmbito dessa perspectiva, o principal pressuposto é o da referenciação como *atividade discursiva*, o que implica uma visão não-referencial da língua e da linguagem. A referência à realidade extralinguística de um referente discursivo não é preexistente ao ato de enunciação, não existe fora da linguagem, mas é construída no discurso, na situação de interação. Por isso, os referentes discursivos são tratados não em termos de *objetos-do-mundo*, mas de *objetos-de-discurso*, construídos, situacionalmente, pelas cadeias referenciais. Ou seja, a escolha entre diferentes mecanismos de remissão é decisivamente orientada pelo tipo de referência que se quer construir (é o que se verifica, claramente, na escolha entre anáfora zero, pronome ou expressões nominais definidas como *o presidente* ou *o ex-líder sindical* ou *o metalúrgico que adora uma cachaça* ou ainda *a maior esperança do país*, referindo-se ao ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva).

É nesse sentido que Koch (2004) afirma que, em última instância, a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes, quer de ordem linguística, quer de ordem sociocognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. E, por extensão, sob essa perspectiva a autora defende que a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal consiste não propriamente em localizar um segmento linguístico (antecedente), ou um objeto específico do mundo, mas em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva dos interlocutores. Isso é o que aproxima tal perspectiva da abordagem da análise discursivo-cognitiva praticada por Ariel (1996), Gundel (1996), entre outros.

Dessa forma, como se pode ver, a perspectiva sociocognitivista, desenvolvida por Koch (2004), por exemplo, aproxima-se, de modo bastante estreito, da análise discursivo-cognitiva adotada por Ariel (1996), Gundel (1996), entre outros. Trata-se de duas perspectivas que podem fornecer um aparato teórico-metodológico apropriado para situar o estudo da função coesiva das formas de marcação de pessoa.

2 Funções coesivas dos marcadores de pessoa e acessibilidade

Siewierska (2004, p. 178) observa que “as circunstâncias que são mais propensas a induzir o uso de marcadores de pessoa de acessibilidade mais alta disponíveis em uma língua, inter-sentencialmente, são sequências de orações em que *o mesmo referente discursivo humano é continuamente tópico e também sujeito*” (grifos nossos). Ou seja, trata-se do uso das formas de pessoa na criação de cadeias referencias. Na verdade, o que se pode observar é o uso de formas de pessoa em associação a outros elementos pronominais (demonstrativos, por exemplo) e a expressões nominais para a construção de cadeias referencias, principalmente, e também para a marcação de diferentes unidades textuais. O exemplo seguinte ilustra uma cadeia referencial marcada por *flexão verbal*.

- (3) Kannada (SRIDHAR, 1990, p. 115-116, apud SIEWIERSKA, 2004, p. 178)
 MaNi nideisalu eSTo: **prayatnisida** tale me:lê musuku **eLedukoNDa**
 Mani sleep:INF very much try:PAST:3SGM head on cover pull:PAST:REFL:3SGM

nidreya japa ma: **Dida.** laghu sangi:ta Ke:Lida
 sleep:GEN recitation do:PAST:3SGM light music listen to:PAST:3SGM

“Mani tentou muito dormir. (Ele) colocou o cobertor em sua cabeça. (Ele) repetiu a palavra ‘dormir’ como um mantra. (Ele) ouviu uma música leve.”¹

O exemplo em (4) ilustra uma situação diferente. A introdução de uma forma independente de terceira pessoa (*bejeti*), em oposição à flexão verbal de terceira pessoa do plural, marca uma mudança de tópico. Nesse caso, a introdução de um novo tópico, um procedimento ligado mais diretamente à coesão sequencial do texto, induz a mudança de um marcador de acessibilidade mais alta para um de acessibilidade mais baixa.

- (4) Udihe (NIKOLAEVA & TOLSKAYA, 2001, p. 755, apud SIEWIERSKA, 2004, p. 179)
 Gida bu-o:ni. E-si-n(i)-de ise loxo **Bejeti** loxo bu-o:-ti
 Spear give-PAST:3SG NEG-PAST-3SG-FOC see saber. **they** saber give-PAST-3PL
 “Ele deu(-lhes) uma lança. Ele não viu um sabre. Eles deram(-lhe) um sabre.”

Contextos em que há competição de referentes normalmente também induzem a introdução de marcadores de acessibilidade mais baixa para evitar possíveis ambiguidades referenciais. Em certos casos, essa estratégia não é suficiente

¹ Os significados das abreviaturas utilizadas nas glosas são apresentados em anexo.

para resolver ambiguidades potenciais, e um marcador de mudança de tópico é afixado a um pronome independente, como no exemplo abaixo.

- (5) Amharic (GASSER, 183, p. 132-3, apud SIEWIERSKA, 2004, p. 179)

[...] Ya-hotel askar mat't'a-nna saw
of-hotel servant come:SG(S/A):PAST-and person

indamm-i-fallig-aw naggar-aw **issu-m** ka-ingida
that-3SG(S/A)-want:NON:PAST-3SG(P) tell:PAST-3SG(P) **he-TOPIC/SHIFT** from-guest

marafiya bet ward-o taganann-a
resting room come=down-3SG(S/A) met:PAST3SG(S/A)

“Um empregado do hotel veio e disse que alguém o procurava. Ele desceu da sala de recepção e encontrou (a pessoa).”

Outra forma de resolver possíveis conflitos referenciais é o uso de um pronome demonstrativo ao invés de um marcador de terceira pessoa do singular. Em finlandês, o uso do demonstrativo *tama* é preferido em relação à forma de terceira pessoa *han* no caso de antecedentes não-sujeitos, como no exemplo em (6), ou de antecedentes expressos por sujeitos de orações subordinadas.

- (6) Finnish (KAISER, 2000, p. 20, 25-26, apud SIEWIERSKA, 2004, p. 180)

Lammio huusi Mielosta, já **tama** tuli sisaan lahetit kannoillaan
Lammio shouted for Mielonen and **this** came in messengers heels-on-his
“Lammio chamou Mielonene, e ele (DEM) entrou com os mensageiros na sua cola.”

Também o uso de expressões nominais, em vez de apenas uma forma de marcação de pessoa, pode ocorrer para resolver o conflito de referentes, como no exemplo abaixo, em que a expressão *KooDalu* (nora) é o elemento usado anaforicamente.

- (7) Telugu (SUBBARAO & MURTHY, 2000, p. 232, apud SIEWIERSKA, 2004, p. 180)

Attagaaru kooDali too maatlaaDindi **KooDalu**
Mother-in-law daughter-in-law with talked. **Daughter-in-law**

caalaa santooSa paDindi
very happy felt

“A sogra falou com (sua) nora. A nora partiu muito feliz.”

Já o exemplo seguinte ilustra a simultaneidade de duas cadeias referenciais que se estendem por um segmento textual mais extenso. Uma cadeia é constituída pela repetição da forma de marcação de pessoa *yi(si)* (com exceção da última

ocorrência de *yi* do exemplo), e a outra cadeia é constituída pela repetição da expressão *dawuba* (mais a última ocorrência de *yi*).

- (8) Gimira (BREEZE, 1986, p. 62-63, apud SIEWIERSKA, 2004, p. 182)

Mat⁴n³ gok⁴n³ “sa²-³k’an⁴ **yi**³i³ ham⁴ag³i⁵ at²n³ ag³us²n³ is³a³
one day forest-LOC 3M-S going-CONT-3M reach-CONT-when-FOC

daw³u⁴ **ba**³i³ surk²ns⁴i⁵ yist⁴n³ bek³a⁴a². **Daw**³u⁴ **ba**³us²i³
antelope old-s sleep-PERF-3M be-PAST-DS saw-NARR antelope old-DET-S

surk²ns⁴i⁵ yist⁴n³ ba³bek³us²am, “yink²a² **daw**³u⁴ **ba**³a²
sleep-PERF-3M be:PAST-DS saw-when there-NPMK antelope old-NPMK REFL:3

has²is³ tan³a³ ut¹a⁴ **yi**⁵ wot³a⁴ ... **yi**⁵ag³a² bet³is³ ta³
DET I-S seize-1 3M kill-1 3M-GEN skin-o 1

gic⁴ns³u²e³” mak²i⁵ us²am⁴ dont²i⁵ **daw**³u⁴ **ba**⁴us²is³ ban³a³
wear-FUT-I-FIN say-3M then get up-3M antelope old-DET-o REFL:3

wot³ns³u²e³ mak²i⁵ba³ ba³ hank³a⁴ nas⁴a² yink²a²
kill-FUT-3M-FIN say-3M REFL:3 go-REFL:3 man-NPMK there-NPMK

daw³u⁴ **ba**³us²is³ ut¹ie³ **yi**³ mak²ag³us²n³ **daw**²u⁴ **ba**³a²
antelope old-DET-o seize-JUS 3M say-CONT-when antelope old-NPMK

us²i³ ... at²i⁵ **yi**⁵ ut¹iban¹e³ **yi**³ mak²ag³us²n³ pyaz¹ns⁴i⁵
DET-S reach-3M 3m size-REFL:3JUS 3m say-CONT-when trip-PERF-3m

dont²i⁵ sic³a⁵a² nas⁴i³ ...
get up-3M left-NARR man-s

“Um dia, quando ele chegou na floresta, ele viu um velho antílope dormindo. O velho antílope, quando ele o viu dormindo “Esse velho antílope aqui eu pegarei e matarei, eu tirarei sua pele”, ele disse, e então disse ele que mataria o velho antílope. Como ele estava pensando em pegar aquele velho antílope lá, o velho antílope veio. Quando ele foi pegá-lo, ele correu e desapareceu... O homem”

Ao analisar o exemplo acima, Siewierska (2004) destaca que, em Gimira, marcadores de pessoa são usados para participantes ativos principais, enquanto participantes secundários que são essencialmente passivos são retomados por expressões nominais (que marcam acessibilidade mais baixa do que as formas de pessoa). É exatamente o que se verifica no exemplo em (8). O marcador de pessoal *yi* é usado para referir-se ao personagem ativo (o homem que pretende capturar o antílope), enquanto a expressão *dawuba* é repetidamente usada para referir-se ao personagem passivo (no caso, o antílope alvo do homem). É interessante observar que, mais ao final do trecho transcrito da narrativa, quando o velho antílope torna-se personagem ativo, ele é retomado por uma forma de marcação de pessoa, justamente

o item *yi*; já quando “o homem” é reintroduzido, é retomado por uma expressão nominal (*nasi*).

Sendo assim, a autora salienta que, em Gimira, atividade *versus* passividade dos referentes discursivos constitui outro parâmetro de acessibilidade relativamente à codificação dos referentes. Já em termos de função coesiva, pode-se observar que, em (8), o uso alternado de um marcador de pessoa e de uma expressão nominal contribui para garantir a continuidade tópica (a coesão referencial) e, com isso, a progressão textual.

Uma forma particular de coesão referencial por meio de marcadores de pessoa é o uso, em algumas línguas, dos chamados *pronomes logofóricos*. Trata-se de pronomes também com função anafórica, que podem constituir cadeias referenciais, mas que remetem, especificamente, na definição de Clements (1975, p. 141, apud CULY, 1997, p. 845), à “pessoa cuja fala, pensamentos ou sentimentos são relatados ou refletidos em um dado contexto linguístico”. Para Culy, tais pronomes têm a função principal de marcar discurso indireto e a função secundária de exprimir ponto de vista. Os exemplos abaixo comparam a função de pronomes pessoais e logofóricos.

(9) Ewe (CLEMENTS, 1975, p. 142, apud CULY, 1997, p. 845)

- a. Kofi_i be yè-dzo
Kofi say LOG-leave
“Kofi_i disse que ele_i partiu.”
- b. Kofi_i be e_k-dzo
Kofi say 3sg-leave
“Kofi_i disse que ele/ela_k partiu.”

Em (9a), a anáfora de terceira pessoa do singular refere-se a uma pessoa cuja fala é relatada (no caso, *Kofi*), e, por isso, é usado o pronome logofórico *yè*, que, como se pode ver, é correferente com *Kofi*. Já em (9b), a anáfora de terceira pessoa refere-se não à pessoa cuja fala é relatada (*Kofi*), mas a outra pessoa. Por isso, é usado o pronome de terceira pessoa *e*, o qual, como pode ser visto, não é correferente com *Kofi*. O que se vê aí, portanto, são duas formas distintas de coesão referencial, complementares entre si.

Siewierska (2004) observa que, embora alguns autores considerem que uma redução na coesão entre orações implica uma redução no nível de acessibilidade dos referentes, essa relação não ocorre sempre necessariamente. Sob a perspectiva de Gundel (1996), por exemplo, uma redução de coesão pode induzir o uso de um marcador de acessibilidade mais baixo, não porque implica uma redução de acessibilidade, mas simplesmente pela própria redução de coesão. É o que se pode observar no exemplo em (10), em que o uso de um marcador de pessoa independente, em vez de um dependente, deve-se à suspensão da ação, na quarta oração, e à mudança na continuidade temporal na quinta oração, quando o falante passa do passado para o presente. Em termos de coesão textual, é interessante

observar que a alternância nas formas de pessoa reflete a organização do texto em partes funcionalmente diferentes entre si, cuja articulação garante a progressão textual.

(10) Polish (SIEWIERSKA, 2004, p. 184)

[Quando você matou aula pela primeira vez, com quem, onde e por quê?]

O na takie pyania sie nie odpowiad, o nie, zé tak powiem
oh on such questions REFL not answer, oh no that so say:1SG

bylam, ale nie pamietam kiedy ja bylam, ja bylam grzecznym
was:1SG but not remember:1SG when I was:1SG I was:1SG good

dzieckiem. Ja na wagarach ostatnio to jestem prawie co drugi
child I on truant recently this am:1SG nearly every second

dzinn, na takich legalnych ze awolnieniem.
day, on such legal with permission.

“Oh, ninguém respondeu essa questão, ninguém. [Na verdade] (eu) direi que eu matei (aula) mas (eu) não lembro quando. Eu era, eu era uma boa criança. Recentemente eu mato aula virtualmente todo segundo dia, mas de modo legal, com permissão.”

Por fim, uma última situação que merece ser mencionada aqui (mesmo que apenas brevemente) e que parece poder ser tratada também em termos de função coesiva refere-se ao fenômeno da *concordância anafórica*, postulado por alguns autores, em particular por Bresnan e Mchombo (1987), em oposição à concordância gramatical. Em termos gerais, a concordância gramatical é a verificada entre o verbo e seus constituintes argumentais Sujeito e Objeto, enquanto a concordância anafórica verifica-se entre um pronome morfologicamente preso, incorporado à morfologia verbal, e um *tópico discursivo*. Os autores analisam a relação entre esses dois fenômenos com base no parâmetro de localidade, que se refere à proximidade entre os elementos que concordam entre si dentro da estrutura da oração: uma relação de concordância local é a estabelecida entre elementos dentro de uma oração simples, e a concordância não-local é a que pode ocorrer entre elementos em diferentes orações. Os autores, então, definem que a concordância gramatical com argumentos não-controlados é local, enquanto a *concordância anafórica* pode ser *não-local* relativamente a um predador em concordância – um procedimento, portanto, de natureza textual mais ampla, que se aproxima de fenômenos coesivos típicos.

3 Considerações finais

O presente trabalho procurou esboçar uma introdução a um estudo tipológico das estratégias de coesão que podem ser estabelecidas pelas formas de

pessoa, tomando, como ponto de partida, o estudo de Siewierska (2004) sobre a função dessas formas na marcação de acessibilidade cognitiva. A função coesiva dos marcadores de pessoa certamente vai muito além do mencionado aqui, mas parece que duas funções gerais devem ser incluídas entre as principais: o uso remissivo das formas de pessoa, constituindo cadeias referenciais e propiciando, portanto, coesão referencial ao discurso; o uso contrastivo entre diferentes formas de pessoa e entre essas e outras formas referenciais, propiciando a marcação de diferentes unidades textuais e, assim, a coesão/progressão sequencial do discurso.

Este trabalho aponta para alguns temas interessantes de pesquisa, dentre os quais podem ser destacados os seguintes:

- (i) reunir sistematicamente as diferentes formas de marcação de pessoa (formas pronominais dependentes, independentes, marcadores de concordância etc.) e descrever, num conjunto representativo de línguas de diferentes tipos, os diferentes procedimentos de coesão textual que tais formas podem estabelecer;
- (ii) comparar os conjuntos de formas de coesão estabelecidas por marcadores de pessoa entre essas línguas, verificando a possibilidade de dispor tais estratégias coesivas em hierarquias implicacionais, investigando, assim, a existência de formas de coesão (por marcadores de pessoa) mais e menos básicas (ou, pelo menos, recorrentes) nas línguas;
- (iii) verificar como as formas de pessoa podem estar envolvidas em estratégias de (re)categorização de referentes discursivos de acordo com a abordagem sociocognitiva, correlacionando essas estratégias, quando possível, com a função de marcar acessibilidade.

Conforme mencionado anteriormente, são muito raros os trabalhos que analisam fenômenos textuais com vistas a comparar seu funcionamento em diferentes línguas. Trata-se de um tipo de pesquisa que, certamente, pode contribuir para o desenvolvimento tanto da área de estudos textuais, quanto da área de tipologia linguística. Nesse sentido, o propósito central do presente trabalho foi oferecer uma breve amostra desse tipo de pesquisa e, sobretudo, procurar chamar a atenção para o assunto e incentivar a sua investigação.

Referências

ARIEL, M. Referring expressions and the +/- coreference distinction. In: FRETHEIM, T.; GUNDEL, J. K. (Eds.). *Reference and referent accessibility*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996, p. 13-35.

BRESNAN, J.; MCHOMBO, S. A. Topic, pronoun, and agreement in Chichewa. *Language*, v. 63, n. 4, p. 741-782, 1987.

CULY, C. Logophoric pronouns and point of view. *Linguistics*, v. 35, n. 5, p. 845-859, 1997.

GUNDEL, J. K. Relevance theory meets the givenness hierarchy. An account of inferences. In: FRETHERM, T.; GUNDEL, J. K. (Eds.). *Reference and referent accessibility*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, p. 141-153, 1996.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in spoken and written English*. Londres: Longman, 1976.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. Campinas: Contexto, 2002.

_____. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SIEWIERSKA, A. *Person*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Recebido em 15 de novembro de 2012.

EDUARDO PENHAVAL

Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Viçosa, campus de Rio Paranaíba. Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: eduardopenhavel@yahoo.com.br.

Anexo: Significados das abreviaturas usadas nas glosas

3	terceira pessoa
CONT	continuativo
DET	determinador
DS	sujeito diferente
FIN	finito
FOC	foco
FUT	futuro
GEN	genitivo
INF	infinitivo
LOC	locativo
LOG	logofórico
M	masculino
NARR	narrativo
NEG	negativo, negação
NON	nominativo
PAST	passado
PERF	perfectivo
PL	plural
REFL	reflexivo
SG	singular
TOPIC/SHIFT	mudança de tópico